

O Psicodrama Triádico Aplicado a Grupos para Dependentes Químicos

Lízia Miranda Leite
liziamiranda@yahoo.com.br

Resumo

O artigo apresenta um relato de experiência sobre o trabalho com grupos terapêuticos para dependentes químicos que se encontravam internados em uma comunidade terapêutica. Foram formados grupos operativos tendo como base teórica o Psicodrama Triádico, cujos principais referenciais são: dinâmica de grupo, psicodrama e psicanálise. O artigo interpreta o que foi observado nos grupos através da teoria de Moreno, Bion e Pichón-Rivire. Concluiu-se com a experiência que os dependentes químicos são também dependentes do coordenador do grupo, e que esses grupos apresentam dificuldade de inter-relacionamento e amadurecimento.

Palavras-chave: grupo, dependência química, psicodrama triádico.

Introdução

O Psicodrama Triádico é uma linha de trabalho da psicologia principalmente utilizada em trabalhos com grupos, mas também aplicável a atendimentos individuais. Utiliza como principais referências as teorias da dinâmica de grupo, do psicodrama e da psicanálise. Segundo Schutzenberger (1977) esta forma de trabalho utiliza-se de uma abordagem multirreferencial, que possibilita a escolha por parte do terapeuta da melhor ferramenta para se decodificar em profundidade o momento do grupo.

O psicodrama triádico permite que os temas das sessões sejam livres, de maneira que o terapeuta, ao observar a dinâmica do grupo no aqui-agora, possa decidir qual a forma de trabalho a ser utilizada dentro dos referenciais do triádico.

Essa foi a abordagem utilizada em um trabalho com grupos formados por indivíduos com dependência química, que se encontravam internados em uma comunidade terapêutica.

O trabalho durou um ano e meio, teve seu início no ano de 2005.

Grupos para Dependentes Químicos

Foram realizados grupos operativos terapêuticos, que se caracterizam por objetivar melhorias em uma situação patológica dos indivíduos, quer seja no plano da saúde orgânica e/ou no plano psíquico (Zimerman, 1997). O conceito de grupo operativo foi criado por Pichón Rivière, psicanalista argentino, na década de 40. Ele o define como “um grupo centrado na tarefa e que tem por finalidade aprender a pensar em termo das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal e não em cada um de seus integrantes” (Pichon-Rivière apud Broide, 1992). Zimerman (1997) afirma que os grupos operativos se propõem a vincular as noções de dinâmica de grupo ao referencial psicanalítico. Explica que a tarefa busca resolver o denominador comum de ansiedade no grupo, e identifica os três momentos pelos quais passam um grupo operativo: pré-tarefa, tarefa e projeto. Na pré-tarefa se concentra a resistência à mudança, através de ansiedades e medos que dificultam que o grupo entre na tarefa. No momento da tarefa em si, há elaboração da ansiedade e integração do pensar, sentir e agir, que antes dissociados, comprometiam reflexões mais profundas. O momento do projeto ocorre quando emerge da tarefa um planejamento para o futuro.

Os grupos realizados nessa comunidade terapêutica eram abertos a novos integrantes, caso ocorresse nova internação no instituto, pois fazia parte da programação de todos os internos participar deste grupo. Portanto, o ambiente não foi passível de controle, dado que a permanência do interno no grupo era indeterminada. O tamanho do grupo variava, a depender da quantidade de internos. O máximo observado foi um grupo com nove participantes, o mínimo com dois. A frequência das sessões era semanal, e a duração de cada uma era, em média, uma hora e meia.

A constituição dos grupos era heterogênea quanto a sexo e idade. Foram utilizados jogos dramáticos, técnicas de dinâmica de grupo, associação livre. As regras estabelecidas referiam-se ao dia e hora de início da sessão, e um limite de horário para término.

Relato de Experiência

O relato será apresentado em inter-relação com os referenciais teóricos do psicodrama e da psicanálise. Baseado na teoria psicodramática de Moreno, pode-se relacionar a primeira fase de um grupo à primeira do desenvolvimento da criança, quando há indiferenciação do eu e do mundo (grupo). Essa fase pôde ser observada principalmente quando o grupo era muito novo e desconhecido, ou seja, quando muitos de seus integrantes estavam na instituição há pouco tempo. Existia um caos, ninguém sabia o que seria feito ali, as pessoas pouco se conheciam e dependiam totalmente das instruções da coordenadora. Era um momento de ansiedade, e para lidar com isso foram utilizados jogos dramáticos que facilitassem a identidade do ego e a auto-percepção. Também foram utilizadas técnicas de integração, com a intenção de ao fortalecer o sentimento de pertença dentro do grupo, o indivíduo conseguisse se diferenciar deste com o tempo.

A fase seguinte que o grupo enfrentava quando se mantinha na mesma constituição por algumas sessões pode ser relacionada à segunda fase do desenvolvimento infantil, um momento de reconhecimento do eu. O grupo conseguia interagir melhor, pois os indivíduos começavam a se distinguir uns dos outros, a conhecerem a si próprios. O fato de conviverem o tempo todo facilitava que se conhecessem fora das sessões de grupo, e levassem essa interação pra dentro. Em algumas sessões foram trazidos desentendimentos ou questionamentos sobre o que acontecia entre eles fora da sessão. As técnicas de grupo e os jogos dramáticos utilizados descontraíam e facilitavam a interação entre eles, até mesmo

por apresentarem caráter lúdico. Neste momento a confiança na coordenadora parecia maior, de maneira que era possível mais entrega por parte dos integrantes às propostas, e maior capacidade de elaboração da experiência vivida.

A terceira fase do desenvolvimento infantil, referente ao reconhecimento do tu e dos outros, pôde ser observada e desenvolvida em poucas sessões. Qualquer grupo necessita trabalhar junto por certo tempo para se desenvolver e alcançar esta fase, no entanto, tempo neste tipo de grupo era uma questão muito instável. Nunca foi possível saber até quando o grupo estaria na mesma formação, e alterações em sua constituição não favoreciam a continuidade do desenvolvimento. Em algumas sessões com grupos que se encontravam juntos há cerca de dois meses, foram trabalhados jogos de personagens, criação e inversão de papéis. Pôde ser observado que o grupo vinha caminhando para esta terceira fase, pois os papéis conseguiam ser assumidos, alguns membros conseguiam fazer inversão, outros ainda precisavam que fosse feito um duplo de seu personagem, técnica mais regressiva. Supõe-se que se o grupo continuasse na mesma formação por mais tempo, essa fase poderia ser mais desenvolvida, de maneira a alcançar mais espontaneidade, propósito fundamental da teoria moreniana.

Baseado na teoria psicanalítica elaborada por Bion, muito pôde ser observado. W. R. Bion teoriza que todo grupo funciona simultaneamente em dois níveis (citado em Padilha & Rocha, 2004). O primeiro é o nível da tarefa, correspondente ao consciente, ao racional e ao alcance de objetivos, partindo do surgimento de um líder e da distribuição de papéis entre os outros integrantes para que a tarefa seja realizada. É também conhecido como grupo de trabalho. O segundo nível é chamado de valência, atua no inconsciente. Diz respeito às atividades subjacentes às de trabalho, que podem bloquear ou ajudar a tarefa a ser realizada. Tais atividades foram denominadas por Bion (1975) de “supostos básicos”, e

são eles: dependência, luta-fuga e acasalamento. Quando o grupo funciona sob o suposto básico da dependência, os membros buscam ser protegidos pelo líder, nutridos por ele intelectual e afetivamente, e vivem momentos de construção de uma identidade coletiva. Quando o funcionamento é de luta-fuga, o grupo encontra um escoamento para o ódio se comportando como se estivesse reunido para lutar, atacar ou fugir de alguém ou alguma coisa. O objetivo subjacente é preservação do grupo, e para isso o líder ou algum membro pode ser agredido. Se o funcionamento do grupo encontra-se no suposto acasalamento, observa-se mais envolvimento afetivo entre os integrantes e compartilhamento de sentimentos. O objetivo subjacente do grupo nesse momento é reproduzir-se, crescer. Há forte sentimento de esperança, de que algo novo nascerá e salvará o grupo de um fim indesejado. Bion afirma que qualquer suposto funciona como defesa às ansiedades primitivas que suscitam nos grupos.

O grupo apresentava forte tendência a se manter no suposto básico da dependência. O fato dos grupos não perdurarem muito tempo na mesma formação, devido à entrada ou saída de alguns membros da instituição, parece ter contribuído para que isso ocorresse. A dependência como suposto básico ou como característica fundamental deste grupo (dependência química) caracteriza um grupo dependente em outro nível: dependente da coordenadora do grupo. Isso foi observado pelo fato de cada integrante preocupar-se em manter uma relação exclusiva com a coordenadora, o grupo ainda não se inter-relacionava, as propostas desta eram sempre aceitas, “obedecidas”, a coordenadora era muito requisitada para dizer se a tarefa estava sendo feita corretamente. Qualquer grupo passa pela fase da dependência, no entanto, neste grupo observado, esta fase permeia toda sua existência, por ser sua característica fundamental, nunca deixa de predominar. A fase da luta-fuga pôde apresentar alguns sinais quando o grupo não sofreu modificações em sua estrutura, como

insinuações sobre seus conflitos com a instituição (da qual a terapeuta também é uma representante), perguntas à terapeuta sobre regras da mesma, conflitos entre os integrantes. Ao chegar nesta fase é natural que o grupo, por estar mais fortalecido, questione regras, a lei paterna. O questionamento subjacente é na verdade se esta instituição é capaz, é forte o suficiente para ser continente de sua loucura. No entanto, a fase da luta-fuga parecia não conseguir evoluir, o líder que representaria a agressividade do grupo não se estabelecia.

Também não foi possível observar indícios da fase de acasalamento, o grupo não foi capaz de se unir para uma afetividade mais profunda e crescimento, não possuiu o sentimento básico desta fase, que é a esperança de sobreviver, inclusive porque a ameaça de separação esteve sempre presente. As saídas ou entradas de novos membros transformavam o todo, tornando visível a regressão no seu desenvolvimento.

Em uma análise baseada na transferência deste grupo, convém citar Béjarano (1978), que distingue três objetos transferenciais interiores ao grupo: o coordenador, os participantes e o grupo em si, como um todo. Há também um objeto exterior: o mundo, o que está fora do grupo. O autor diferencia quatro formas de clivagem de transferência em relação a esses objetos, sendo que a denominada por ele de “defesa maníaca” foi observada neste grupo: havia transferência positiva sobre todos os objetos interiores e negativa sobre o mundo exterior. A coordenadora era vista como acolhedora, chegando a receber alguns elogios e falas sobre o desejo de que este grupo ocorresse mais vezes na semana. Apesar da sedução contida nesses atos, supõe-se que ela estava no lugar de uma mãe boa e de salvadora, substituindo o salvador droga, que foi frustrante. Os participantes alegavam terem seus desentendimentos, mas que sempre se resolviam, que se gostavam. O grupo se considerava bom como um todo, unido, disposto. Já o mundo exterior, referente tanto à própria instituição, como ao mundo fora desta, ou seja, tudo o que era de fora da sala das

sessões, era visto como mau, castrador, perigoso. A instituição cheia de regras das quais muitas vezes discordavam, o mundo cheio de ambientes e amigos que usam drogas, um mundo que não mudará, apesar deles quererem mudar.

Partindo do conceito de grupo operativo de Pichón Rivière, a tarefa deste grupo está centrada na recuperação da drogadicção. Em contraposição à tarefa está a pré-tarefa, que são todos os aspectos inconscientes existentes no grupo enquanto defesa psicológica diante da mudança que a tarefa exige (Broide, 1992). Todas estas defesas são obstáculos à tarefa, e devem ser explicitadas, tornadas conscientes. Qualquer emergente grupal é tomado como porta-voz do consciente ou inconsciente do grupo, portanto manifestam as defesas deste. Os principais emergentes grupais se referiam à saudade da família, demonstrando forte ligação a vínculos e padrões de comportamento infantis; falas estereotipadas sobre a recuperação, indicando dificuldade em sair do tema que é fator de identificação deste grupo, e usado como impedimento para aprofundar em outras questões; conflitos com normas da comunidade, que dão indícios de como lidam com regras fora dali; desentendimentos entre os internos referentes a situações de seus cotidianos.

Conclusão

A partir da experiência relatada, pode se observar que os grupos apresentavam dificuldade em evoluir para novas fases de desenvolvimento grupal. Supõe-se que o tempo de permanência dos internos na comunidade não seja suficiente para que este grupo específico consiga se fortalecer.

Também influencia neste resultado o fato de muitos internos estarem na comunidade compulsoriamente, de maneira que não engajam na proposta terapêutica como os que desejam estar ali. Bucher (1992, p.246) afirmou:

“para que se possa estabelecer uma relação autêntica com a pessoa dependente (...) é necessário que ela queira vir, de livre e espontânea vontade - o que em si nem é possível, visto que esta vontade nunca é realmente livre, mas sempre ambivalente e por cima influenciada por meios externos de pressão, como aqueles operados pela família.”

No entanto, com o decorrer das sessões de grupo, consideráveis avanços puderam ser observados em nível individual e grupal. Como afirma Zimmerman (1997), todo grupo operativo é terapêutico, pois propõe uma tarefa que favorece esclarecimento das dificuldades individuais, identificação dos estereótipos e dos obstáculos que impedem o desenvolvimento do indivíduo e o auxilia a encontrar suas próprias condições de enfrentar seu problema.

Bucher (1992) afirma que a formação dos terapeutas para esse tipo de trabalho deve ser ampla o suficiente para permitir variações de técnicas e atitudes com um mesmo paciente, conforme mudanças do seu estado psíquico e físico, pois nos momentos mais frágeis há necessidade de maior apoio, nos momentos de elaboração pode haver intervenções mais interpretativas. E finaliza: “além da base psicanalítica, abordagens como psicodrama (...) se deixam incluir com bom proveito no programa terapêutico, em particular em trabalhos de grupo” (Bucher, 1992, p.252).

O próprio grupo operativo, conforme Zimmerman (1997), já propõe uma vinculação entre as noções oriundas da dinâmica de grupo e da psicanálise. Portanto, concluiu-se que o referencial do psicodrama triádico demonstrou ser pertinente, por propiciar diferentes formas de trabalho com o grupo, respeitando seus momentos e a percepção da coordenadora.

O trabalho realizado na maioria das comunidades terapêuticas inicia-se com a desintoxicação, que é um fator importante, mas não resolve o problema. “O verdadeiro trabalho com o dependente de drogas começa depois da desintoxicação, quando se trata de motivá-lo para continuar um tratamento” (Bucher, 1992, p.239). O trabalho em grupo realizado buscou despertar esta motivação a partir da consideração da individualidade de cada dependente. Objetivou favorecer o auto-conhecimento, utilizou as relações intergrupais como espelhos para compreensão das relações do indivíduo fora do grupo, buscou ajudar na reflexão sobre a história de vida e sobre a responsabilidade perante as próprias reações. Certamente este trabalho é só o início de uma jornada a se enfrentar quando o desejo é se livrar da dependência de drogas.

Referências bibliográficas

- BAREMBLITT, G.F. (Org.). (1986). *Grupos: Teoria e Técnica*. Rio de Janeiro: GRAAL.
- BION, W.R. (1975). *Experiência com grupos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago.
- BRASILIANO, S. Grupos com drogadictos. In: ZIMERMAN, D.E. & OSORIO, L.C. e colaboradores (1997). *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas. P. 229-238
- BROIDE, J. (1992). A Psicoterapia Psicanalítica na rua realizada através de grupo operativo. *Psicologia: ciência e profissão*. Ano 12, 2, 24-33.
- BUCHER, R. (1992). *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto alegre: Artes Médicas.
- GURFINKEL, D. (1996). *A pulsão e seu objeto-droga*. Petrópolis: Vozes.
- KAËS, R. e outros (1978). *O trabalho psicanalítico nos grupos*. Lisboa: Moraes editora.
- LEITÃO, M.B.S. Bion: Considerações a Respeito dos Grupos. In: BAREMBLITT, G.F. (Org.). (1986). *Grupos: Teoria e Técnica*. Rio de Janeiro: GRAAL. P. 147-158.
- MANCIA, L. (1998). Variáveis que interferem na produção de um grupo. *Sociedade Brasileira de Dinâmica de grupo*. 1, 8-13.

MORENO, J.L. (1999). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo: Livro Pleno.

PADILHA, G.C.; ROCHA, F.E.C. (2004). *Agricultura familiar: dinâmica de grupo aplicada às organizações de produtores rurais*. Distrito Federal: Embrapa.

SALZMAN, D.L. Didier Anzieu: Notas para uma leitura de sua teoria sobre grupos. In: BAREMBLITT, G.F. (Org.). (1986). *Grupos: Teoria e Técnica*. Rio de Janeiro: GRAAL. P. 127-135.

SCHUTZENBERGER, A.; WEIL, P. (1977). *Psicodrama Triádico*. Trad.: Dr. Frederico Stein. Belo Horizonte: Interlivros.

ZIMERMAN, D.E. & OSORIO, L.C. e colaboradores. (1997). *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas.